

D — UMA COLCHA DE RETALHOS

Elaboramos, neste capítulo, algumas costuras tecidas a partir da investigação que efetuamos a partir do exposto no currículo de Teresa Vergani, de modo a abrir um horizonte de compreensões sobre a relação entre vida e obra dessa pesquisadora e sobre a constituição do próprio campo de pesquisa da etnomatemática.

Atentando-nos para o contexto histórico de Portugal, vemos que a Guerra Colonial (1961-1974) enfraqueceu politicamente e economicamente o país, que não conseguiu sustentar a pressão dos militares e da população, e acabou derrotado. Com isso, nos meses de julho e novembro de 1975, foram proclamadas, respectivamente, a república em São Tomé e Príncipe e em Angola.

Uma das maneiras utilizadas pelo colonizador para dominar o seu colonizado é através do enfraquecimento da cultura, proibindo manifestações culturais e impondo os costumes da metrópole. Com a saída da metrópole, os países africanos precisaram criar uma nova organização política, social, econômica etc. A dificuldade nessa tarefa se deu devido à falta de uma unidade nacional, uma vez que a unidade que mantinha a geopoliticidade dos países africanos se dava quase que exclusivamente pela relação metrópole-colônia, com agrupamentos territoriais arbitrariamente impostos pelos países europeus no ato de sua expansão territorial.

Com o fim dessa relação, a população não se sentia parte integrante de uma nação, os indivíduos não se identificavam uns com os outros. Frente a essa situação, uma possível solução encontrada para criar esse sentimento de nação e de unidade foi por meio da valorização das culturas locais e pela qualificação dos nativos desses grupos, tese reforçada com o seguinte trecho de uma entrevista com Paulus Gerdes, ao falar do contexto de seu trabalho em Moçambique, logo após a independência do país.

[...] no meu contexto eu talvez não expliquei duas outras fontes de inspiração para esse tipo de estudo. Uma foi muito importante, que... para as pessoas que vêm de fora eu imagino a parte mais difícil de perceber é o contexto político da revolução moçambicana, em que os dirigentes políticos, nos primeiros anos depois da independência... os primeiros 10 ou 15 anos, deram muita importância à valorização das culturas africanas. Como valorizar? Então, esse contexto [...] Quê a respeito essas culturas africanas podemos valorizar? Combatendo o que se dizem em termos políticos a folclorização das culturas do tempo colonial. [...] E ainda por cima em um contexto em que é necessário salientar a unidade da população. (MIARKA, 2011, p. 251)

É nesse contexto que Teresa Vergani encontra-se inserida através das missões da UNESCO. Ali, Vergani buscou o desenvolvimento da educação no país, sendo responsável pela reestruturação de programas escolares, atuando na formação e reciclagem de professores de matemática através do ensino a distância, participando da criação de centros de apoio pedagógico, elaborando programas de cursos, entre outras ações.

Segundo Vergani (ANDRADE, 1999), suas inserções na África, proporcionadas pelas missões da UNESCO, fizeram com que ela se interrogasse sobre a adequação dos conhecimentos que transmitia à situação dos docentes a quem ela se dirigia. Assim, foi-se abrindo um caminho para o campo da antropologia cognitiva e cultural.

Essa inclinação para a área das ciências humanas já parecia se manifestar na vida de Vergani quando, antes de ingressar no curso de graduação, ela manifestou dúvidas entre licenciatura em matemática ou filosofia. Em 1971, já formada em licenciatura em matemática, e cursando licenciatura em Teologia Pastoral na Bélgica, Vergani aponta reflexões sobre a natureza “humana” embutida na matemática, desenvolvendo, a partir daí, uma visão diferenciada da relação entre a matemática e as demais ciências.

A busca por essa relação pode ser observada também nas disciplinas escolhidas por Vergani em sua especialização realizada em 1975, a dizer, “Esquemas de Investigação Experimental ou Quase Experimental”; “Instrumentos de Medida em Educação”; “Análise Estatística Multivariada”; “Psicopedagogia das Matemáticas: A Descoberta do Espaço”; “Modelos de Ensino e Teorias da Aprendizagem”; “Antropologia e Educação: Problemas Metodológicos”; e “Linguística Orientada para as Ciências do Homem”.

Essas características pessoais de Vergani parecem ter feito com que ela se questionasse sobre o impacto e a adequação da matemática que ensinava na vida dos povos africanos, de modo a perceber que o contexto no qual ela estava inserida não favorecia o ensino daquela matemática formal aprendida na universidade. A partir de então, começando a considerar que não existia apenas uma matemática. Segundo ela, existem três tipos de “matemáticas”: a dos profissionais, detentores de uma especialidade acadêmica; a das escolas, que é transmitida aos alunos; e a do cotidiano, que é usada na prática do dia-a-dia. Devido à necessidade de valorizar a cultura dos povos africanos não faria sentido para Vergani impor o sistema de ensino europeu e a “matemática dos profissionais”.

A partir do envolvimento de Vergani com os povos africanos, sua inserção na etnomatemática deu-se de forma natural, à medida que seus estudos encaminhavam-se para as áreas de antropologia e educação matemática.

Vergani apresenta-se também como multiplicadora da concepção de matemática como construção humana, ao trabalhá-la em sua prática docente com seus alunos durante a disciplina “Matemática, Sociedade e Cultura” que lecionou na Escola Superior de Educação de Setúbal, através das disciplinas que ministrou na Escola Superior de Educação em Santarém, ou ainda em sua tese de doutorado em que buscou expandir suas ideias para os futuros profissionais da área da educação, objetivando instigar os alunos a questionarem-se também sobre a relação entre as ciências exatas e humanas.

Podemos perceber sua relação direta com a etnomatemática e sua legitimação como pesquisadora neste campo de pesquisa através de sua inserção no International Study Group on Ethnomathematics como representante de Portugal, das consultorias que prestou, e do seu livro “Educação Etnomatemática: o que é?”, publicado em 2000, que obteve grande repercussão, constatada pela republicação do livro em 2007 por uma editora brasileira.

Uma das contribuições de Vergani e da etnomatemática enquanto metodologia de ensino é que a construção do conhecimento não pode ser realizada de forma compartimentada, fragmentada, mas o conhecimento precisa ser construído de maneira transdisciplinar utilizando-se para isso as relações dos alunos com a cultura na qual estão inseridos.

A pesquisa realizada suscitou questionamentos e reflexões sobre a importância da etnomatemática para o contexto africano, assim como sua recíproca. A população vivia em um regime colonialista que abafou sua identidade, e com a independência os grupos que a compunham buscavam livrar-se das imposições vindas “de fora”. Ainda assim, não possuíam uma unidade que os mantivessem juntos de acordo com as fronteiras estabelecidas pelas antigas metrópoles, de modo que uma série de projetos foram instaurados nessa direção, principalmente pela UNESCO, que incentivou professores europeus a lecionarem nos países africanos. A ideia era que esses docentes qualificassem os nativos daqueles países para atenuar a necessidade de um governo externo, e que valorizassem as culturas locais de modo a criarem uma unidade nacional. É nesse contexto que surge o envolvimento com grupos africanos de professores como Teresa Vergani, Paulus Gerdes e Ubiratan D’Ambrosio.

Em suas obras, podemos verificar a denúncia de Vergani quanto ao modelo educacional atual. Ainda que ela fale do contexto de Portugal, vemos que os problemas são os mesmos que encontramos aqui no Brasil. Assim, enquanto professores de matemática, precisamos nos questionar quanto à validade do nosso exercício em sala de aula. Ao entrarmos numa sala de aula, por vezes nossa prática reflete modelos pré-concebidos de o que é uma aula sem nos atentarmos à realidade dos alunos que participam desse processo, e sem

paramos para refletir sobre questões como o que é a matemática, qual é o contexto em que estamos inseridos, o que queremos enquanto professores, o que os alunos almejam etc.